

## REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA EM REGIÕES DO AGRONEGÓCIO: CENÁRIO RECENTE DE SORRISO E LUCAS DO RIO VERDE – MT

Productive restructuration in agribusiness regions: recent scenary of Sorriso and Lucas do Rio Verde – MT

Reestructuración productiva en las regiones agroindustriales: paisaje reciente de Sorriso y Lucas de Rio Verde-MT

Eduardo von Dentz  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
[eduardovondentz@hotmail.com](mailto:eduardovondentz@hotmail.com)

**Resumo:** A partir das mudanças ocorridas na reestruturação produtiva da agropecuária após os anos 1990, o desenvolvimento econômico propiciado pela expansão do agronegócio foi significativo. Relações campo-cidade, regiões produtivas agrícolas, regiões do agronegócio e cidades do agronegócio são termos que nasceram ou passaram a dotar uma complexidade técnica, científica e tecnológica com características peculiares sobretudo a partir dos anos 2000. Atualmente, sobretudo a partir da crise financeira internacional de 2008, a agropecuária passou a ser um dos setores da economia que mais recebeu investimentos financeiros, envolvendo ações que vem encabeçando as mudanças no agronegócio brasileiro. Esse artigo se propõe a identificar as novas relações causadas pelo impacto da reestruturação produtiva no campo com a produção das cidades, considerando o cenário recente da produção de soja em Sorriso e Lucas do Rio Verde.  
**Palavras chave:** reestruturação produtiva; Agronegócio; Sorriso; Lucas do Rio Verde.

**Abstract:** Starting from the changes happened in the productive restructuration of the farming after the years 1990, the economical development propitiated by the expansion of the agribusiness was significant. Relationships field-city, agricultural productive areas, areas of the agribusiness and cities of the agribusiness healthy terms that you were born or they started to endow a complexity technical, scientific and technological above all with peculiar characteristics starting from the years 2000. Now, above all starting from the international financial crisis of 2008, the farming started to be one of the sections of the economy that more it received financial investments, involving actions that it is heading the changes in the brazilian agribusiness. That article intends to identify the new relationships caused by the impact of the productive restructuring in the field with the production of the cities, considering the recent scenery of the soy production in Sorriso and Lucas do Rio Verde.

**Key words:** productive restructuration; Agribusiness; Sorriso; Lucas do Rio Verde.

### Introdução

No atual período caracterizado pelo aprofundamento da globalização do modo capitalista de produção, distintas e importantes transformações de ordem técnica, socioeconômica e sociopolítica tem promovido, por todos os lados, intensa reestruturação produtiva no setor agropecuário como um todo. O capital se torna um elemento chave na promoção e articulação das reestruturações que vem ocorrendo no agronegócio.

As transformações ocorridas no agronegócio levaram o tema da reestruturação produtiva a ser amplamente discutido no âmbito das ciências humanas, sociais e econômicas. Gonçalves (2012) aponta que

a característica marcante dos agronegócios é a de se constituir no setor econômico fundamental de economias continentais, fazendo com que a tecnificação do espaço faça parte do processo de desenvolvimento do espaço geográfico. Castillo et al (2016) sinalizam que a modernização da agricultura está intimamente ligada à inserção de novos sistemas técnicos e novas formas de gerir o setor, que começam a se consolidar sobretudo a partir de 1960. As mudanças ocorridas na agricultura foram em grande medida reguladas, articuladas e centralizadas em decisões e investimentos feitos pelo Estado (Delgado, 1985; Mazzali, 2000; Silva 1998). O objetivo do Estado, neste sentido, em consonância com agentes hegemônicos internacionais, foi inserir na agropecuária brasileira a lógica da produção industrial de forma social e espacialmente seletiva (Castillo et al, 2016).

Mesmo assim, foi apenas a partir dos anos 1990, em um contexto de aprofundamento do capitalismo no campo, de novas normas reguladoras do território e da grande influência das políticas das grandes empresas globais (Santos, 1997), que efetivamente o agronegócio ganha caráter globalizado no Brasil (Castillo et al, 2016). O termo agronegócio<sup>1</sup>, ainda que mereça distintas formulações e concepções teóricas, se desenvolveu no Brasil sob controle direto das corporações industriais e comerciais nacionais e internacionais, mas sempre com a decisiva participação do Estado através, sobretudo, de políticas pontuais de financiamento do setor (Castillo et al, 2016).

Neste sentido, concordamos com Gonçalves (2005), pois

Com as mudanças estruturais da agricultura brasileira, ensejadas durante o século XX e presente na agricultura até os dias de hoje, é preciso ter claro que isso representou a irradiação, por todo espaço produtivo setorial, da lógica da reprodução ampliada do capital lastreada na ação tipicamente capitalista de aplicar dinheiro (D) na produção de mercadorias (M) com o objetivo de obter mais dinheiro (D') (GONÇALVES, 2005, p. 08).

A partir das mudanças ocorridas na reestruturação produtiva da agropecuária após os anos 1990, considerando que essas mudanças, como apontado por Gonçalves (2005), são inerentes ao modo capitalista de produção, podemos observar alterações significativas na regionalização produtiva, nas novas relações campo-cidade e na forma com que as cidades do agronegócio passaram a se estruturar (Castillo et al, 2016; Elias, 2013). Vale inferir que às regionalizações e estruturas urbanas comandadas pelo agronegócio globalizado, Elias (2013) chama de regiões produtivas do agronegócio (RPAs). Tais regiões se consolidam

---

<sup>1</sup> Baseados em Mendonça (2015), sabe-se que, conceitualmente, o termo agronegócio (*agribusiness*) teve sua origem em 1957 na School of Business Administration da Universidade de Harvard, com a publicação do artigo intitulado *A concept of agribusiness*, de autoria de John Davis e Ray Goldberg. Mendonça (2015, p. 376) assinala que a principal mudança observada nas “fazendas modernas” é que deixaram de ser autossustentáveis e passaram a ter função comercial, com sua produção baseada em monocultivos. Atividades como armazenamento, processamento e distribuição foram transferidas para outras empresas, que também passaram a produzir produtos industriais utilizados neste modelo agrícola, como tratores, caminhões, combustível, fertilizantes, ração, pesticidas, entre outros. Daí que surge a proposta de utilizar o termo “agronegócio”. O conceito de agronegócio utilizado neste artigo, como unidade de análise que inclui desde a produção de insumos químicos industriais até empresas de comercialização e varejo, permite uma interpretação mais ampla do que é agronegócio. No Brasil, o agronegócio aparece ligado às chamadas *cadeias produtivas*, com o objetivo de agregar atividades agroquímicas, industriais e comerciais aos cálculos econômicos da agricultura e da pecuária. Como bem apontava Caio Prado Jr. “o conceito de agronegócio está relacionado a um conjunto de medidas impulsionadas por governos e instituições privadas que intensificaram a industrialização e a padronização da agricultura em nível internacional. Alguns dos elementos centrais deste modo de produção são o uso de máquinas e insumos químicos, além da intensificação do uso de água e energia no processo produtivo” (MENDONÇA, 2015, p. 397).

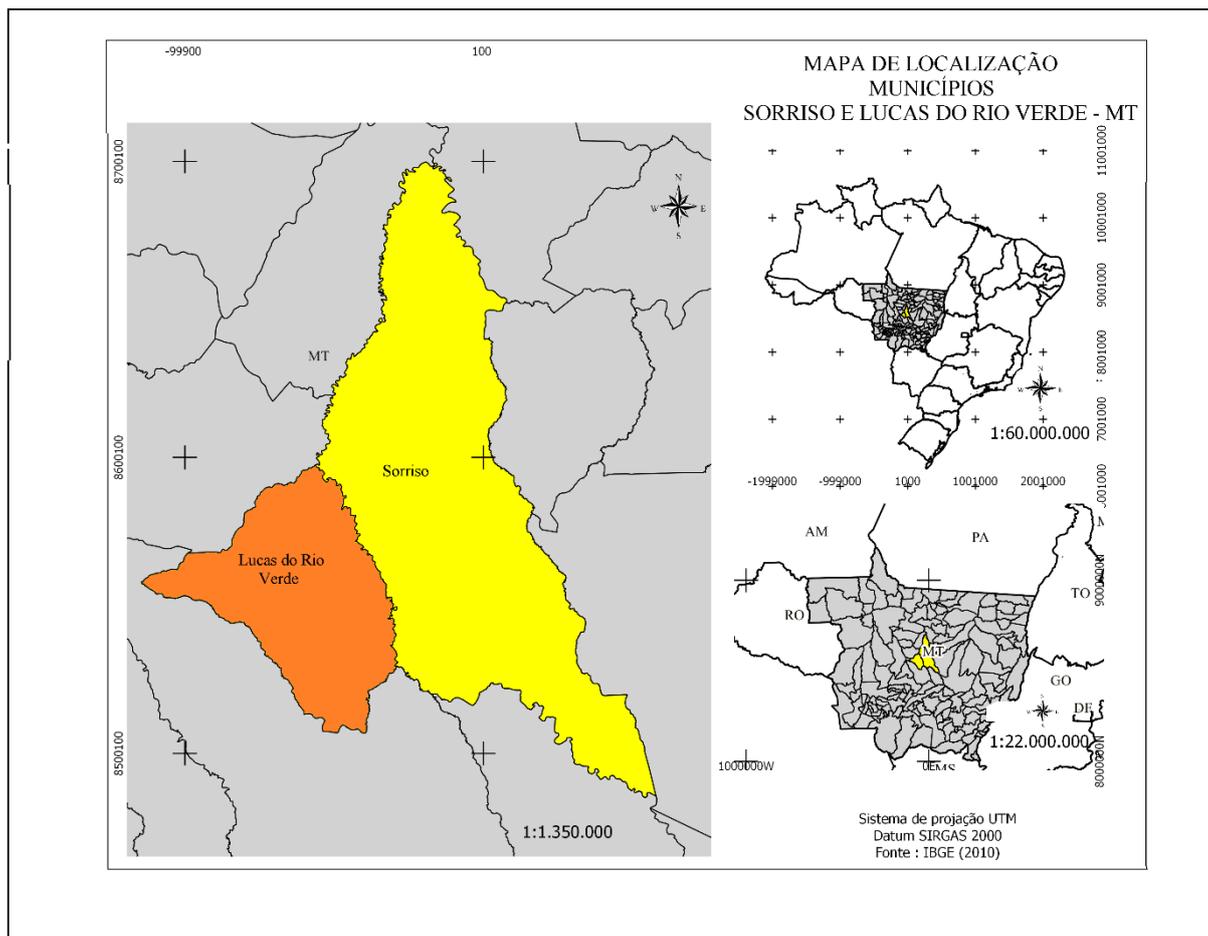
em diferentes porções do território brasileiro e se especializam em diversos setores da agropecuária (Castillo et al, 2016), visando sempre a inserção da técnica nos modos de produção e por conseguinte maior participação nos mercados internacionais competitivos (Castillo, 2011; Castillo e Frederico, 2010).

Atualmente, sobretudo a partir da crise financeira internacional de 2008, a agropecuária passou a ser um dos setores da economia que mais recebeu investimentos financeiros, envolvendo ações como: aquisição e arrendamento de terras (produção de agrocombustíveis, alimentos (sobretudo grãos – soja e milho) e florestas plantadas; dando ar à novos modelos de organizações produtivas, integradas à indústria. Castillo et al (2016) chama essa agricultura de corporativa ou empresarial.

Inerente às características da reestruturação produtiva, somam-se as novas funções exercidas pelas cidades do agronegócio, inseridas e construídas no seio das RPAs para atender as demandas do campo moderno. Neste contexto, as novas relações campo-cidade e a reestruturação do agronegócio nas RPAs que sofreram a reestruturação produtiva, surgem com uma complexidade que entrelaça e torna interdependente as características urbanas e rurais nas RPAs. Dessa forma, Castillo et al (2016) salientam que a sociabilidade urbana se estende ao agro modernizado que, por sua vez, demanda funções urbanas que respondam ao consumo produtivo da agropecuária intensiva, tais como comércio e serviços especializados, armazenamento e processamento de matérias-primas agrícolas, finanças, logística, administração e contabilidade agrícolas, sistemas bancários eficientes, dentre outros (p. 269).

Portanto e neste sentido, o objetivo desse artigo se configura na reunião de informações que caracterizem uma região específica do agronegócio brasileiro, entendendo que essa região sofreu profundas mudanças com a reestruturação produtiva. Trata-se, da região de Lucas do Rio Verde e Sorriso, localizadas no meio norte do estado de Mato Grosso (mapa 1). Neste contexto, o artigo aborda a relação do impacto da reestruturação produtiva no campo com a produção das cidades, considerando o cenário recente da produção de soja em Sorriso e Lucas do Rio Verde.

Mapa 1: Localização dos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde – MT.  
Fonte: Walkoviecz, 2017. IBGE, 2010. Organizado pelo autor.



## Abordagem teórica de Regiões Produtivas do Agronegócio e Cidades do Agronegócio como resultado da reestruturação produtiva

Como já sinalizamos na introdução, a reestruturação produtiva ocorrida no agronegócio brasileiro tem despertado interesse de inúmeros pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Na geografia não foi diferente, tendo crescido significativamente nos últimos anos o número de produções científicas sobre esse tema.

Segundo Elias (2008), tanto no campo quanto na cidade, a reestruturação produtiva imprimiu na organização espacial um novo sistema urbano, muito mais complexo, em grande parte resultado da difusão do agronegócio globalizado, que tem poder de impor especializações produtivas no território. No Brasil, podemos identificar inúmeras áreas cuja urbanização<sup>2</sup> se deve diretamente à consecução do agronegócio globalizado. Sorriso e Lucas do Rio Verde se encaixam nesse contexto.

<sup>2</sup> Sobre urbanização em regiões do agronegócio ver mais em Elias (2008, 2013).

A racionalização impressa nas regiões produtivas do agronegócio, consequência da difusão do agronegócio, deriva da formação de diferentes fatores. Esses, se configuram em redes de produção agropecuária globalizadas (Elias, 2006), que entrelaçam as funções das empresas agropecuárias, fornecedores de insumos químicos e implementos agrícolas, laboratórios de pesquisa biotecnológica, prestação de serviço agropecuário especializado, agroindústrias, redes de supermercados, de distribuição comercial, de pesquisa agropecuária, de marketing, de *fast food*, dentre outros.

A reestruturação produtiva ocorrida no agronegócio configura-se, portanto, em uma variável importante que passa a interferir no fenômeno complexo que se tornou tanto o agronegócio quanto a urbanização brasileira. Neste sentido, não nos cabe mais considerar somente as antigas relações campo-cidade, assim como as relações hierárquicas clássicas da rede urbana e das divisões regionais (Elias, 2013), quando se trata de analisar a inerência do agronegócio com a reestruturação produtiva e as novas complexidades agro urbanas.

A utilização do recorte espacial – RPAs – sugerido por Elias (2013) é, a nosso ver, uma alternativa interessante de estudo do território nacional, podendo auxiliar na compreensão das características socioeconômicas de cada região, bem como na divisão territorial do trabalho hoje vigente no país. Neste sentido, a utilização das RPAs no estudo de recortes espaciais leva em conta o impacto da reestruturação econômica e territorial dos últimos anos, sobretudo no que diz respeito à reestruturação produtiva da agropecuária, em consonância com a organização das redes integradas agroindustriais.

Ao adotar a variável das RPAs para estudo de alguma área agrícola do Brasil, estaremos considerando a

Base da organização de uma parte significativa do território brasileiro atual, resultado tanto da herança histórica como das metamorfoses do presente, marcado pela velocidade das inovações. Como o agronegócio globalizado se realiza totalmente a partir da dialética entre a ordem global e a ordem local, as RPAs estão conectadas diretamente aos centros de poder e consumo em nível mundial e, assim, as escalas locais e regionais articulam-se permanentemente com a internacional e o território organiza-se com base em imposições do mercado, comandado por grandes empresas nacionais e multinacionais. Desse modo, nas RPAs temos novos espaços de fluxos rápidos inerentes às redes agroindustriais, nas quais as verticalidades têm predominância sobre as horizontalidades (ELIAS, 2013, p. 26).

Dessa forma, compreender a complexidade de fluxos implicados nas RPAs é um exercício importante para análise. A adoção da concepção aqui apresentada sobre as RPAs, representa o estudo que compõe um dos caminhos possíveis de interpretar a reestruturação produtiva agropecuária ocorrida em numerosas áreas do Brasil, que têm em seu âmago a difusão do agronegócio globalizado (Elias, 2013).

Conforme estamos propondo, é possível identificar no Brasil agrícola moderno (Elias, 1996) várias cidades cuja urbanização se deve estritamente à reestruturação produtiva ocorrida no agronegócio. À essas cidades destinamos o termo de *cidades do agronegócio* (Elias, 2008; 2013). Nessas cidades, por conseguinte, se materializam as condições gerais de reprodução do capital do agronegócio (Elias, 2006). Logo, tem-se por razão lógica, que toda RPA é composta por uma ou mais cidades do agronegócio, de modo

que essas cidades dão suporte ao mantimento da estrutura que comporta o funcionamento do agro nas diferentes regiões produtivas agrícolas.

Para Santos (1994), a interiorização da urbanização no Brasil está diretamente relacionada com a criação de indústrias de produtos químicos, de biotecnologia, de máquinas agrícolas, dentre outras; fazendo expandir, no meio rural, o meio técnico científico informacional. Com isso, considerando a consecução da reestruturação produtiva aos avanços do agronegócio globalizado, originam-se intensos movimentos de migração do campo para a cidade, fator que contribui para o crescimento acelerado das cidades, inclusive as do agronegócio (Elias, 2006).

Nesta ótica, as significativas mudanças no cenário brasileiro agro urbano, permite afirmar que atualmente o Brasil é um país no qual a difusão do agronegócio globalizado imprimiu nas cidades do agronegócio uma especialização produtiva importante para atender as demandas decorrentes da reestruturação produtiva agropecuária. Assim, quanto mais modernas se tornam essas atividades agropecuárias, mais urbana se torna sua regulação, seu gerenciamento (Elias, 2006).

Por essas razões, as cidades das áreas surgidas nos espaços agrícolas, são cidades que se tornam responsáveis pelas demandas crescentes de uma série de novos produtos e serviços especializados, como acontece nos casos de Sorriso e Lucas do Rio Verde. Esses aspectos, dentre outros, são os capazes de responder a crescente urbanização, o tamanho e o número de cidades do agronegócio (Elias, 2006). O resultado desse conjunto de mudanças é uma grande e complexa metamorfose, que implica no crescimento da economia urbana das cidades próximas às regiões de produções agropecuárias modernas.

As cidades do agronegócio, além do que já foi dito, comportam a fluidez territorial necessária para o escoamento da produção e para a chegada e saída de informações, de forma rápida, a todo momento. Graças à construção de modernos sistemas de engenharia dos transportes e das comunicações, intensificam-se as trocas de toda natureza, reestruturando a vida social e o território, quebrando, muitas vezes, com sistemas urbanos antigos que não suportavam essa ordem e essa lógica de funcionamento (Elias, 2006). Adiante veremos como a produção agrícola moderna de Sorriso e Lucas do Rio Verde tem sido o grande determinante das transformações espaciais nessas duas cidades.

### **Dinâmica recente do agronegócio nos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde – MT**

Considerando o marco teórico obtido em Elias (2006, 2008 e 2013), bem como os apontamentos de Castillo et al. (2016); Borrás et al (2012), podemos traduzir esse escopo teórico para a realidade e os dados apresentados sobre Sorriso e Lucas do Rio Verde. O que se vê em cidades do agronegócio como essas (Sorriso e Lucas do Rio Verde<sup>3</sup>), é um sistema operacional, do mais complexo e abrangente que se possa imaginar, que atenda as demandas do campo modernizado, fazendo da cidade um fenômeno funcional à agricultura intensiva (Castillo et al., 2016).

---

<sup>3</sup> Tal afirmativa é feita, em grande parte, em virtude do trabalho de campo realizado nessas duas cidades em outubro de 2016.

Em paralelo ao que abordaremos sobre as duas cidades citadas, cabe inferir que a inserção do capital financeiro na agricultura brasileira mostra-se cada vez mais atuante, visando atender seus interesses específicos. O papel do Estado e das *tradings* são portadores de um poder hegemônico sobre os setores do agronegócio, controlando as linhas de financiamento e concessão de crédito para o setor. No entanto, de forma geral, foi a concessão dos financiamentos e a disponibilidade de crédito que tornaram possível a larga expansão na produção agropecuária brasileira (Medeiros, 2013).

As cidades de Sorriso e Lucas do Rio Verde, situadas na região central do estado de Mato Grosso, às margens da BR – 163, são duas importantes produtoras de grãos, que elevaram seus índices nos últimos anos. No caso de Sorriso, de acordo com Silva (2010), trata-se de um município que nasceu na época em que as políticas governamentais incentivavam a ocupação do Centro-Oeste e da Amazônia. A chamada “marcha para o Oeste” foi uma política que incentivou a migração de pessoas de todo o Brasil para o Centro-Oeste. Em decorrência dos incentivos dos governos militares, que visavam a colonização e exploração das áreas até então “desocupadas”, e da política de ocupação da floresta tropical conhecida como Amazônia Legal, nasceu o município de Sorriso na década de 1980. Antes de se tornar município, a pequena agrovila encravada no sertão mato-grossense foi elevada à categoria de distrito pertencente ao município de Nobres. Em 1986 foi criado o município de Sorriso, que fora desmembrado dos municípios de Nobres, Diamantino e Sinop (SILVA, 2010).

Na constituição populacional, Sorriso é formado por uma mescla oriunda de todas as partes do Brasil. Mas foram os sulistas que chegaram para impor na região seus conhecimentos agrícolas e desbravar a região com as práticas trazidas do Sul do Brasil. Cerca de 80% da população de Sorriso é composta por sulistas (SILVANA, 2007). É interessante perceber, tal como aponta Frederico (2008), que na medida em que o capital financeiro descobre novas áreas e novos setores econômicos para atuar, também elege grupos sociais capazes de alavancar a produção. No caso de Sorriso e Lucas do Rio Verde, a ocupação dos Sulistas serviu ao capital financeiro para expansão da fronteira agrícola de modo geral. Silva (2010, p. 136) destaca que,

A opção pelos sulistas não foi aleatória. Na verdade, eles viriam a ser o grupo social ideal para a concretização do projeto de produção de commodities, pois era necessário que, no processo de incorporação de novas áreas, se mantivesse o sentido de produzir para o mercado externo e a concentração da propriedade privada nas antigas áreas de ocupação e nas novas áreas. Esses agentes já vêm do sul do Brasil com um poder aquisitivo superior à população mato-grossense.

Nesta perspectiva, Silva (2010) aponta que o principal impulso demográfico e produtivo dos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde se deram a partir da emancipação desses municípios e concomitantemente com a pavimentação asfáltica da BR – 163; tornando possível o escoamento dos grãos e permitindo a real utilização do potencial agrícola da região. Ademais, as favoráveis condições edafoclimáticas da região de ambos os municípios foram essenciais para que a engenharia agrícola e o capital financeiro entrassem com força nesses espaços (Frederico, 2008).

No gráfico um podemos ter uma noção real da evolução da área colhida e da quantidade de soja<sup>4</sup> produzida no município de Sorriso. Desse modo, nota-se o crescimento acelerado, sobretudo da produção de soja em Sorriso.

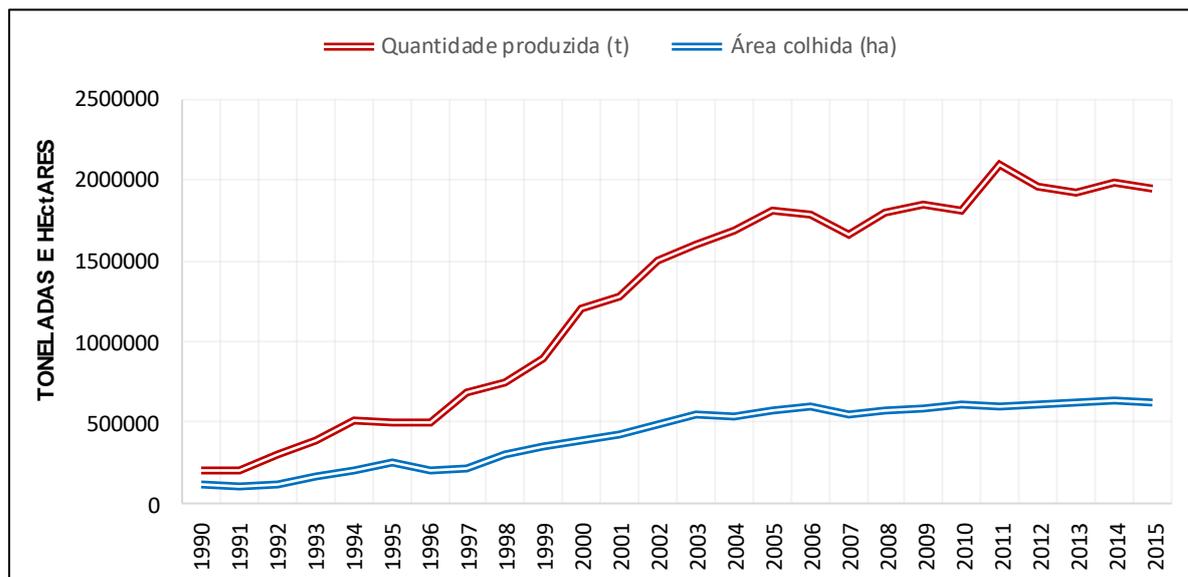


Gráfico 1: Área colhida e quantidade de soja produzida no município de Sorriso-MT.  
 Fonte: IBGE, 2016 e Secretaria da Agricultura de Sorriso, 2016. Organizado pelo autor.

Nos anos 1990, a quantidade de soja produzida em Sorriso girava em torno de 250 mil toneladas. Em 2015, sendo este o último ano no qual o gráfico apresenta os dados, a quantidade produzida chegou a 2 milhões de toneladas. Ou seja, trata-se, no período de 1990 a 2015, de um crescimento de 800% de quantidade produzida de soja para o referido município. A área colhida de soja também cresceu significativamente, mas não tanto se comparado a quantidade produzida. Em 1990 foram colhidos em torno de 200 mil hectares de soja em Sorriso, enquanto no ano de 2015 em torno de 600 mil hectares da cultura foram colhidos. Trata-se de um aumento de 300%. No entanto, vale salientar que Sorriso já não dispõe de mais terra para expandir seu plantio/colheita de soja, pois de 2008 até 2015, como pode ser visto no gráfico um, o município estagnou a área de soja colhida. Um avanço a ser feito, nesse sentido, é aumentar a produtividade sem aumentar a área de produção. Para tratar dessa questão analisaremos o gráfico 2.

<sup>4</sup> Escolhemos a cultura da soja para apresentar os dados, tanto no município de Sorriso como em Lucas do Rio Verde, por se tratar da cultura de maior expressão produtiva em ambos os municípios. Não por acaso, Sorriso é conhecido como capital mundial da soja.

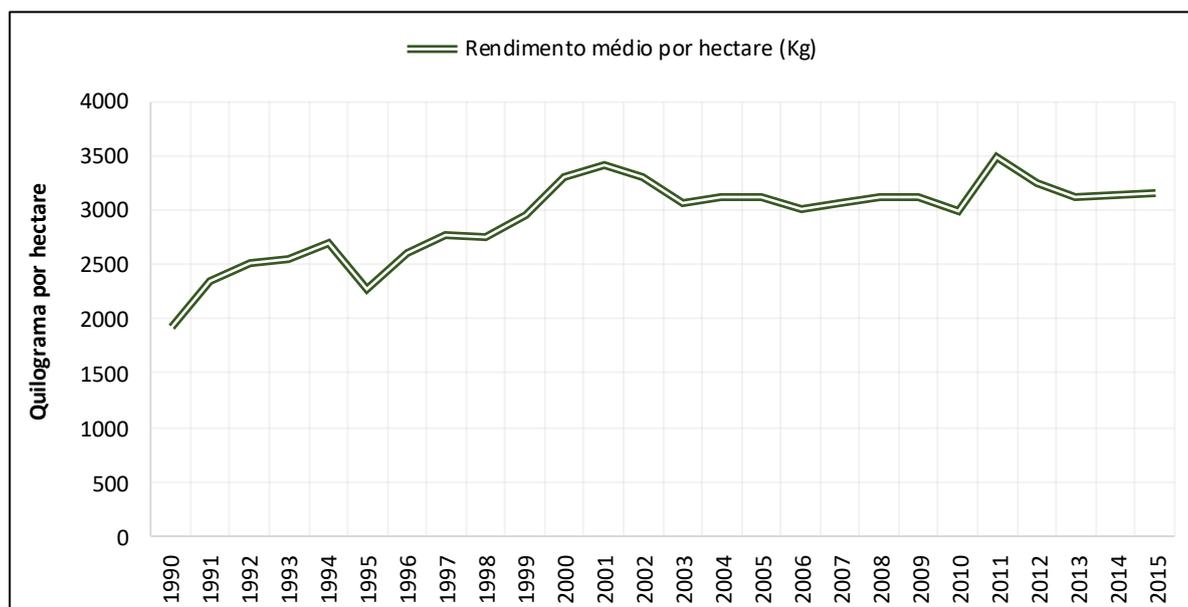


Gráfico 2: Variação da produtividade da soja no município de Sorriso-MT.

Fonte: IBGE, 2016 e Secretaria da Agricultura de Sorriso, 2016. Organizado pelo autor.

De acordo com o gráfico 2, nos anos 1990 a produção de soja por hectare em Sorriso girava em torno 2000kg, chegando a 3100kg em 2015. Houve aí um crescimento de 64%. No entanto, de 1999 a 2015 a produção de soja por hectare, com pequenas variações em 2001 e 2011, se manteve estável. Isso pode ser um problema, pois para um município como Sorriso que não dispõe de mais terra para cultivar a cultura, o óbvio a ser feito seria investir em genética vegetal para melhorar a produção por hectare, o que não vem ocorrendo. Temos, dessa forma, na melhoria da quantidade de soja produzida por hectare um desafio para um município como Sorriso.

Atualmente, pela estimativa de 2016 do IBGE, Sorriso conta com 83 mil habitantes, constituindo-se numa cidade do agronegócio, segundo as definições de Elias (2006). A produção da soja é o carro chefe da economia do município, tendo recebido há alguns anos o rótulo de capital mundial da soja. Na figura 1 temos uma imagem da área urbana e do entorno da cidade de Sorriso. Nota-se que as áreas agrícolas estão por toda parte ao redor da cidade.



Figura 1: Área urbana e entorno da cidade de Sorriso/MT.

Fonte: Image Astrium Google Earth, 2016. Organizado pelo autor.

No caso específico do município de Lucas do Rio Verde, vale, em grande medida, as mesmas considerações feitas para o município de Sorriso. Neste contexto, é importante inferir que o projeto de ocupação da Amazônia, concretizado pela construção da rodovia Cuiabá-Santarém (BR – 163), impulsionado com o governo Kubitschek, bem como a construção da capital Brasília e de outras rodovias, traziam consigo a ideia de desbravar o Brasil e integrar essas terras interioranas ao processo produtivo nacional.

Neste sentido, com a fundação de Lucas do Rio Verde, em 1982, foi construída a Cooperativa Agropecuária Mista de Lucas do Rio Verde (CooperLucas), que chegou a ser uma das maiores do país. Essa cooperativa atuava também nos municípios vizinhos, como Nova Mutum, Sorriso e Tapurah; na comercialização da produção de soja da região (Schlesinger, 2013). Ao contar com essa estrutura cooperativa e incentivos governamentais, as políticas voltadas para Lucas do Rio Verde buscavam

Diversificar o raio de ação implantando também uma área de criação de suínos e um frigorífico. A partir de meados dos anos 1980, a ocupação da região de Lucas do Rio Verde ganhou novo impulso, com a chegada do Prodec<sup>5</sup> e, com ele, de novos agricultores trazidos da região Sul. Os critérios para escolha destes novos colonos eram ter experiência na agricultura e assumir uma parcela dos investimentos com recursos próprios, correspondente a 20% do total. Em contrapartida, tinham direito ao financiamento para a compra de dois tratores, uma colheitadeira, além de uma casa, um barracão e uma área de 400 hectares. Estas condições estabeleceram uma especial posição social para os novos migrantes, em relação aos posseiros e assentados já estabelecidos ali. Da mesma forma que os posseiros vindos da região Sul, os novos cooperativados trazidos pelo Prodec<sup>5</sup> são até hoje chamados de “pioneiros”. A eles se associam imagens como as de “coragem”, “espírito empreendedor”, “desbravador”. Já os antigos habitantes, assim como aqueles assentados pelo Inca, chamados parceiros, são considerados “sem aptidão para o trabalho”, “desordeiros”, pessoas “sem coragem”. Esta chamada “reforma agrária elitizada” dá origem ao modo de produção vigente hoje na região,

<sup>5</sup> Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados.

Um pouco à frente de Sorriso no quesito industrialização, Lucas do Rio Verde vem consolidando sua economia, tendo nas grandes empresas da indústria de transformação de alimentos um amplo espaço para continuar crescendo. De acordo com Schlesinger (2013), a instalação dessas empresas dinamiza a economia e agrega valor aos produtos. No município de Lucas do Rio Verde estão presentes as maiores empresas brasileiras e mundiais do agronegócio, como a BRF (resultado da fusão da Perdigão com a Sadia), Grupo Maggi, JBS Friboi, Cargill, Bunge, dentre outras.

No que se refere à produção agrícola de Lucas do Rio Verde, da mesma forma que Sorriso, a soja é o carro chefe das culturas produzidas (milho, algodão, feijão, sorgo, milheto, dentre outras, também fazem parte do cenário da produção agrícola do município). Por essa razão, os gráficos 3 e 4 são referentes aos dados coletados considerando apenas a cultura da soja. A partir desses gráficos podemos ter uma ideia real do crescimento e das variações na quantidade produzida, área colhida e produtividade por hectare.

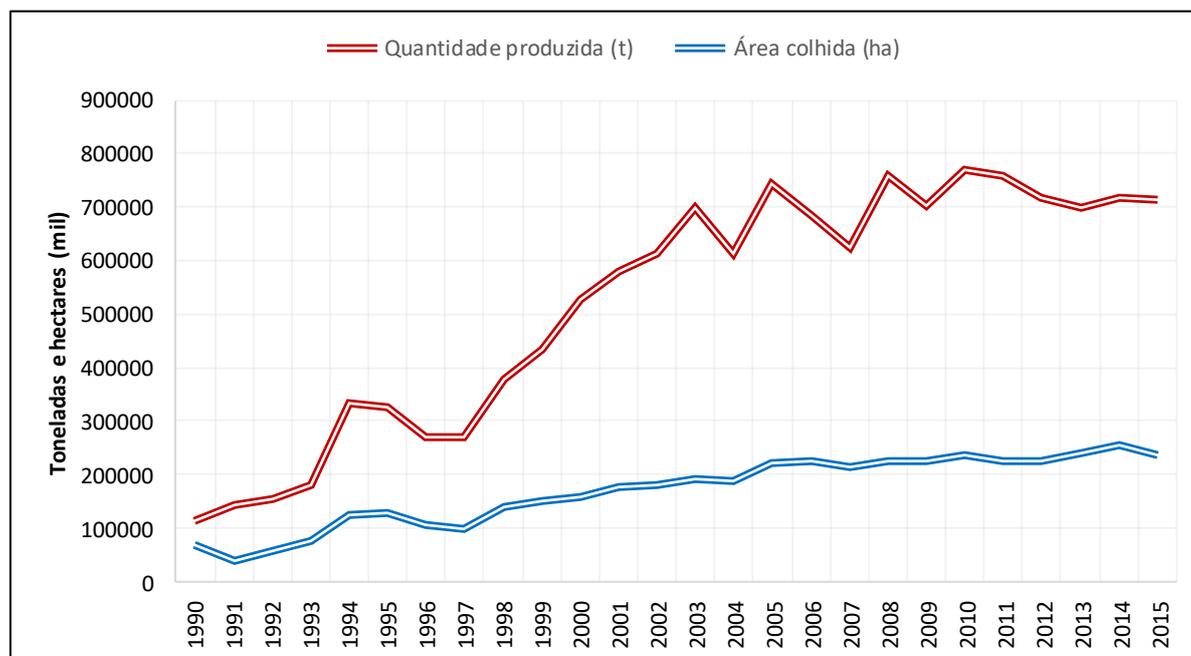


Gráfico 3: Área colhida e quantidade de soja produzida no município de Lucas do Rio Verde – MT Fonte: IBGE, 2016. Organizado pelo autor.

Conforme o gráfico 3, considerando a quantidade de soja produzida, em toneladas, para Lucas do Rio Verde, houve um grande salto. Em 1990 o município produziu aproximadamente 100 mil toneladas, enquanto em 2015 chegou a 700 mil toneladas; ou seja, um crescimento de 700%. No que diz respeito a área de soja colhida, também se nota um crescimento, saindo de aproximadamente 90 mil hectares em 1990 para 230 mil hectares em 2015. No entanto, nota-se que de 2005 até 2015, a área colhida em Lucas do Rio Verde manteve-se praticamente estável, com pequenas variações. Isso nos leva a entender que Lucas do Rio Verde, da mesma forma que Sorriso, também não possui mais área para expandir a produção através do aumento da área colhida. Como já apontamos para o município de Sorriso, um avanço a ser feito em Lucas do Rio Verde

é investir no melhoramento genético para aumentar a produtividade no mesmo espaço disponível para colheita. Para falar da produtividade, partimos para análise do gráfico 4.

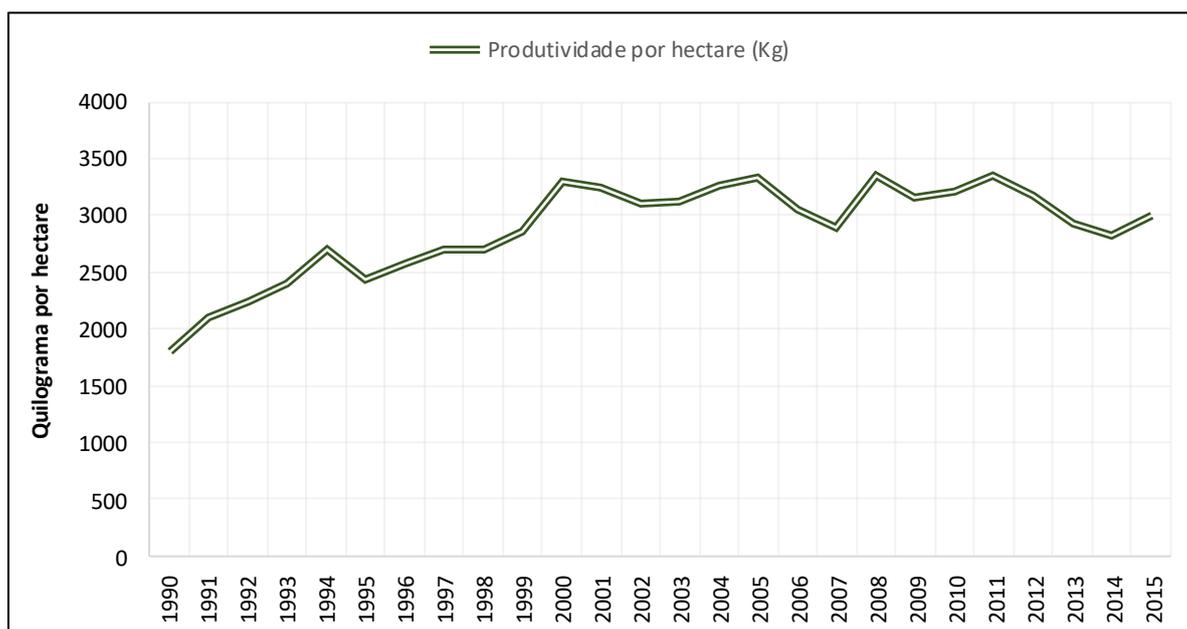


Gráfico 4: Variação da produtividade da soja no município de Lucas do Rio Verde-MT.

Fonte: IBGE, 2016. Organizado pelo autor.

Os dados da produtividade da soja no município de Lucas do Rio Verde não são animadores (gráfico 4). Embora tenha saltado de 1800kg por hectare em 1990 para aproximadamente 3300kg por hectare nos últimos anos apresentados no gráfico 4, representando um aumento de 54%, nota-se que desde 2000 não houve crescimento considerável na produtividade da cultura. Essa constatação mostra que, para um município como este que não dispõe de mais terra para o cultivo da soja e que não apresenta um crescimento constante na produtividade, é preciso investir em pesquisa (melhoramento genético), almejando o melhoramento da produtividade da soja<sup>6</sup>.

Na figura 2 podemos ver parcialmente a cidade de Lucas do Rio Verde. Da mesma forma que em Sorriso, Lucas do Rio Verde tem a área urbana em rodeada por área agrícolas em plena produção de grãos. Como dizem os agricultores da cidade: “Aqui não se perde um palmo de terra”.

<sup>6</sup> Em algumas safras, a razão principal por não ocorrer bom desempenho na produtividade da cultura é a falta ou excesso de chuva. Mas no geral, o melhoramento genético para aumentar a produção por hectare é um ponto que precisa receber atenção e investimento. Conforme alguns produtores entrevistados, há 10 anos o estado de Mato Grosso não evolui com bons resultados na produtividade da soja.



Figura 2: Vista da cidade e entornos de Lucas do Rio Verde/MT Fonte: Arquivo da prefeitura. Foto, maio de 2016. Organizado pelo autor.

Com o trabalho de campo realizado nos dois municípios em outubro de 2016, percebeu-se que Lucas do Rio Verde vem se destacando na organização de um projeto de modernização avançada da agricultura, que busca a instalação de agroindústrias para beneficiamento dos produtos. Com isso, visa-se, em muitos casos, a transformação da proteína vegetal (soja e milho) em proteína animal (frango, suínos e bovinos). Já em Sorriso, essa lógica também aparece, mas o município mostra-se mais confiante com investimentos direcionados à uma empresa de parceria público privada focada na produção de sementes de soja, milho, algodão e outros produtos de alta qualidade. Essa iniciativa se deu porque segundo alguns agricultores do município, atualmente o maior problema da agricultura na região é a manutenção da produtividade, ou seja, se tivesse uma empresa própria para trabalhar na genética e tecnologia de sementes, já poderíamos estar produzindo em níveis superiores aos de agora (gráficos 2 e 4) e consequentemente obtendo mais lucro, a partir do aumento da produção por hectare<sup>7</sup>.

Neste contexto, o Estado e as *tradings*, em consonância com o capital financeiro, ditam as regras (Medeiros, 2013). No caso da soja, por exemplo, todas as empresas comercializadoras de semente são multinacionais. Para elas o que importa é vender a semente, os fertilizantes, os defensivos, ou seja, o pacote para o plantio; e não necessariamente melhorar a produção por hectare. Os agricultores, por sua vez, são dependentes do sistema de financiamento vigente e das decisões que essas multinacionais tomam, haja vista que o sistema do qual se apropriou o capital financeiro toma as rédeas da racionalidade que opera nessas cidades e regiões do agronegócio.

## Considerações Finais

---

<sup>7</sup> Fala de produtor rural.

Em suma, tentamos demonstrar nesse artigo a reestruturação produtiva alinhada com embasamentos teóricos de regiões e cidades do agronegócio. Enquanto dados de pesquisa, trabalhamos com a cultura da soja (produção, área colhida e produtividade) em duas cidades do agronegócio (Elias, 2006 e 2013) situadas no estado de Mato Grosso: Sorriso e Lucas do Rio Verde.

O agronegócio, enquanto ramo importante da economia sobretudo em países com dimensões continentais (Gonçalves, 2012), configura-se num cenário ideal para atuação do capital financeiro. Este, por sua vez, não opera em descompasso com o Estado, sendo tanto o Estado quanto o capital financeiro duas forças hegemônicas que pensam a racionalidade técnica, científica e informacional (Santos, 1994) das regiões e cidades do agronegócio (Elias, 2006).

Apontamos para Sorriso e Lucas do Rio Verde como duas cidades do agronegócio que se destacam em cenário regional e nacional. Ambas estão situadas em uma região produtiva do agronegócio (RPA) já consolidada desde o fim da primeira década dos anos 2000. Encontram, atualmente, suas áreas de expansão da agricultura esgotadas e veem no aumento da produtividade uma das opções para manter as atividades de produção de grãos. No entanto, tanto Sorriso quanto Lucas do Rio Verde – também se encaixam nesse cenário muitas outras cidades e regiões produtivas do agronegócio brasileiro – são cidades potencialmente desenvolvidas enquanto produção agroalimentar e totalmente controladas por grandes grupos nacionais e internacionais no que concerne à compra de insumos agrícolas, armazenamento da produção e comercialização da produção.

Portanto, a reestruturação produtiva em regiões e cidades do agronegócio, valendo-se dos casos de Sorriso e Lucas do Rio Verde, ocorreu via intensificação da técnica, ciência e informação no campo, mas sob o domínio de empresários rurais, grandes grupos empresariais e o Estado, que hegemonicamente tomam as decisões que regulamentam o território. Por conta disso, uma grande parcela da população não chega aos benefícios do campo moderno e a perversidade continua sendo uma característica dos locais de atuação do capital financeiro.

## Referências Bibliográficas

BORRAS Jr, Saturnino M.; KAY, Cristóbal; GÓMEZ, Sergio; WILKINSON, John. Land grabbing and global capitalist accumulation: key features in Latin America. **Canadian Journal of Development Studies**, v. 33, Issue 4, p. 402-416, 2012.

[CASTILLO, R. A.](#); FREDERICO, Samuel. Dinâmica regional e globalização: espaços competitivos agrícolas no território brasileiro. **Mercator (Fortaleza. Online)**, v. 09, p. 17-26, 2010.

CASTILLO, R. A. **Agricultura globalizada e logística nos cerrados brasileiros**. In: Márcio Rogério Silveira. (Org.). *Circulação, transportes e território: diferentes perspectivas*. 1ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011, p. 331-354.

CASTILLO, Ricardo Abbid; ELIAS, Denise; PEIXINHO, Dimas; BÜHLER, Eve-Anne; PEQUENO, Renato; FREDERICO, Samuel. Regiões do agronegócio, novas relações campo-cidade e reestruturação urbana. **Revista da ANPEGE**, v. 12. P. 265-288, 2016.

DELGADO, Guilherme. Mudança técnica na agricultura, constituição do complexo agroindustrial e política tecnológica recente. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, 2(1): 79-97, 1985.

[ELIAS, Denise](#). Globalização e Modernização Agrícola. **Revista Paranaense de Geografia**, Curitiba, n.1, p. 5-16, 1996.

[ELIAS, Denise](#). Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. **Scripta Nova (Barcelona)**, v. 1, p. 59-81, 2006.

[ELIAS, Denise](#). Redes agroindustriais e urbanização dispersa no Brasil. **Scripta Nova (Barcelona)**, v. XII, p. 74-96, 2008.

ELIAS, Denise. Globalização, agricultura e urbanização no Brasil. **Acta Geográfica**, Boa Vista, UFRR, Ed. Esp. Geografia Agrária, p.13-32, 2013.

FREDERICO, Samuel. **O Novo Tempo do Cerrado: Expansão dos Fronts Agrícolas e Controle do Sistema de Armazenamento de Grãos**. 1. ed. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

GONÇALVES, José Sidnei. Agricultura sob a égide do capital financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios. **Informações econômicas**, SP, v. 35, n. 4, abr. 2005.

- GONÇALVES, José Sidnei. Agronegócios: desenvolvimento e territorialidade em economias continentais. *Geografia Econômica - Anais de Geografia Econômica e Social*, v. 4, p. 57-60, 2012.
- MEDEIROS, Marlon Clóvis. Novas dinâmicas do capital financeiro na agricultura brasileira. **Princípios (São Paulo)**, v. 1. P. 40-43, 2013.
- MENDONÇA, Maria Luisa. O papel da agricultura nas relações internacionais e a construção do conceito de agronegócio. **Revista contexto internacional**. Rio de Janeiro, volume 37, nº 2, 2015, (p. 375-402).
- MAZZALI, Leonel. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. Da Política do Estado à Política das Empresas: Globalização e Política, **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo Horizonte, 3 (6):3-191, jul/dez 1997.
- SCHLESINGER, Sérgio. **Dois casos sérios em Mato Grosso: a soja em Lucas do Rio Verde e a cana-de-açúcar em Barra do Bugres**. Ed. FORMAD, 2013.
- SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2ª ed. Campinas, SP: Unicamp. IE, 1998.
- SILVA, Eliezer Pereira da. **Arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais em Mato Grosso: o caso da soja no município de Sorriso**. Dissertação de mestrado (mestrado em agronegócios e desenvolvimento regional), Faculdade de economia. Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá – MT. 2010.
- SILVANA, Cristina da Silva. **A família de municípios do agronegócio: expressão da especialização produtiva no front agrícola**. Dissertação de Mestrado (mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Unicamp. Campinas – SP. 2007.